

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA FENOMENOLOGIA E A FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY

Juliana Cristine Brandão da Silva¹
Camila Rezende de Oliveira²
Guilherme Saramago de Oliveira³
Kelma Gomes Mendonça Ghelli⁴
Anderson Oramisio Santos⁵

Corrente filosófica fundada por Husserl, visando estabelecer um método de fundamentação da Ciência e de constituição da Filosofia como ciência rigorosa. O projeto fenomenológico se define como uma “volta às coisas mesmas”, isto é, aos fenômenos, aquilo que aparece à consciência que se dá como seu objeto intencional. O conceito de intencionalidade ocupa um lugar central na fenomenologia, definindo a própria consciência como intencional, como voltada para o mundo: “toda consciência e consciência de alguma coisa” (Husserl). Dessa forma, a fenomenologia pretende ao mesmo tempo combater o empirismo e o psicologismo e superar a oposição tradicional entre realismo e idealismo. Fenomenologia pode ser considerada uma das principais correntes filosóficas deste século (XX), sobretudo na Alemanha e na França, tendo influenciado fortemente o pensamento de Heidegger e o existencialismo de Sartre, e dando origem a importantes desdobramentos na obra de autores como Merleau-Ponty e Ricouer (Japiassú; Marcondes, 1996, p. 99).

Resumo:

Este trabalho tem por pressuposto conceituar e compreender o método científico denominado Fenomenologia, filosofia esta que tem como objeto de investigação o fenômeno e a intuição como principal instrumento na busca do conhecimento. Além disso, visa compreender e descrever as contribuições de um de seus principais representantes, Merleau-Ponty. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, trata-se, portanto, de uma pesquisa de natureza qualitativa, voltada à descrição, problematização e análise dos dados de conteúdo de fontes tanto primárias quanto secundárias.

Palavras-chave:

Fenomenologia. Fenomenologia de Merleau-Ponty. Fenômeno e Intuição.

Abstract:

This work is based on conceptualizing and understanding the scientific method called Phenomenology, a philosophy that has the phenomenon as its object of investigation and

¹ Doutoranda. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

² Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal de Uberlândia.

³ Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal de Uberlândia.

⁴ Doutora em Educação. Professora do Centro Universitário Mário Palmério.

⁵ Doutor em Educação. Universidade Federal de Uberlândia.

intuition as the main instrument in the search for knowledge. Furthermore, it aims to understand and describe the contributions of one of its main representatives, Merleau-Ponty. The methodology used was bibliographical research, it is, therefore, a qualitative research, focused on the description, problematization and analysis of content data from both primary and secondary sources.

Keywords:

Phenomenology. Merleau-Ponty's phenomenology. Phenomenon and Intuition.

1. Considerações iniciais

O termo Fenomenologia surge a primeira vez na obra *Novo órganon* (1764) sob a autoria de Johann Heinrich Lambert, para designar a teoria da ilusão e suas variadas formas. Em 1970 o termo foi retomado por Emanuel Kant, como indicação de uma disciplina propedêutica que precedia a metafísica, denominada *phaenomenologia generalis*. Georg Wilhelm Friedrich Hegel, em 1807, utilizou o termo para denominar a ciência sucedida por distintos fenômenos da consciência até alcançar o saber absoluto, denominando-a de *Fenomenologia do espírito*. Foi a partir desse contexto que a Fenomenologia foi definida enquanto método e filosofia (Dartigues, 1992).

A Fenomenologia do espírito de Hegel representa assim a introdução no sistema total da ciência. No sentido hegeliano, Merleau-Ponty (1973) apontou que a Fenomenologia:

[...] consiste, em suma, numa lógica do conteúdo: a organização lógica dos fatos não provém de uma forma que lhes seria superposta, mas é o conteúdo mesmo desses fatos que é suposto ordenar-se espontaneamente de maneira a tornar-se pensável. Uma Fenomenologia é a vontade dupla de coligir todas as experiências concretas do homem e não somente suas experiências de conhecimento, como ainda suas experiências de vida de civilização, tais como se apresentam na história, e de encontrar, ao mesmo tempo, neste decorrer dos fatos, uma ordem espontânea, um sentido, uma verdade intrínseca, uma orientação tal que o desenvolver-se dos acontecimentos não apareça como simples sucessão [...] (Merleau-Ponty, 1973, p. 25-26).

Contudo a Fenomenologia só se consolida como pensamento, de acordo com Bello (2006), na Alemanha no final do século XIX e na primeira metade do século XX, com Edmund Husserl. A partir do seu método, e diante os problemas filosóficos herdados do idealismo alemão e da filosofia moderna, Husserl pretendia estabelecer um “[...] modo verdadeiramente radical e fundamental de investigar filosoficamente e de alcançar um conhecimento teórico filosófico isento de confusão e mal-entendidos” (Santos, 2014, p.15).

Dentre as correntes do século XX a Fenomenologia aparece como uma das mais influentes. Onde inúmeros filósofos se valeram desse método para pensar e elaborar suas filosofias. Autores “[...] como o Max Scheler, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Lévinas e outros desenvolveram suas filosofias à luz desse método de investigação” (Lima, 2014, p. 9).

A palavra Fenomenologia é formada de duas partes, originadas de palavras gregas, “fenômeno” que tem a ver com aquilo que se mostra e “logia”, derivada da palavra *logos*, que dentre seus significados estão palavra e pensamento. Podemos então sintetizar a fenomenologia como sendo a reflexão sobre aquilo que se mostra, ou seja, aquilo que se mostra a nós levando-nos a buscar o seu significado, isto, relaciona-se não somente ao mundo físico, mas na maneira que percebemos o que aparece no mundo físico, por exemplo, quando estamos diante de uma cadeira, sabemos que seu significado não é somente físico, mas também abstrato (Bello, 2006).

Merleau-Ponty, um dos mais adeptos do pensamento husserliano, acerca da fenomenologia, afirmou

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua ‘facticidade’. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre ‘ali’, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma ‘ciência exata’, mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo ‘vividos’. É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer, e todavia Husserl, em seus últimos trabalhos, menciona uma ‘fenomenologia genética’ e mesmo uma ‘fenomenologia construtiva’ (Merleau-Ponty, 1999, p. 1).

De acordo com Lima (2014), a Fenomenologia pretende ser a “ciência das essências” e é um amplo movimento científico e espiritual. A partir de sua formulação como método, tomou rumos variados, contudo enquanto movimento filosófico começou “[...] com Edmund Husserl que, dando um novo sentido ao termo, já utilizado por Kant e Hegel, formula o método fenomenológico, criando um movimento que influenciou grande parte da filosofia no século XX” (Lima, 2014, p. 11). Dartigues (1992) explica que:

[...] enquanto a Fenomenologia do tipo kantiano concebe o ser como o que limita a pretensão do fenômeno ao mesmo tempo em que ele próprio permanece fora do alcance, enquanto inversamente, na Fenomenologia hegeliana, o fenômeno é reabsorvido num conhecimento sistemático do ser, a Fenomenologia husserliana se propõe como fazendo ela própria, as vezes, de ontologia pois, segundo Husserl, o sentido do ser e o do fenômeno não podem ser dissociados (Dartigues, 1992, p. 3).

Ainda segundo Dartigues (1992), a Fenomenologia é uma ciência rigorosa, contudo não exata, que busca compreender a essência por descrição e não por dedução, ocupando-se da análise e interpretação dos fenômenos, em uma atitude diferente das ciências exatas e empíricas.

2. Fenômeno, intuição, intencionalidade e consciência

Fenomenologia, etimologicamente, é o estudo ou a ciência do fenômeno. Fenômeno se refere como aquilo que se mostra por si mesmo e *logos* como discurso compreensivo, por tanto fenomenologia é a compreensão daquilo que se mostra por si mesmo e para essa compreensão é necessário abordar diretamente o fenômeno, interroga-lo e descrevê-lo, afim de captar sua essência (Martins, 1992).

Tudo que se mostra a nós, podemos tratar como fenômenos, no qual conseguimos compreender o sentido, diante disto “[...] o grande problema da filosofia é buscar o sentido das coisas, tanto de ordem física quanto de caráter cultural, religioso etc, que se mostram a nós” (Bello, 2006, p.19). De acordo com Martins *et al.* (1990) o fenômeno é considerado como

[...] aquilo que surge para uma consciência, o que se manifesta para essa consciência, como resultado de uma interrogação. Do grego *phainomenon*, significa discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra para o sujeito interrogado. Do verbo *phainestai* como mostrar-se, desvelar-se. Fenômeno é, então, tudo o que se mostra, se manifesta, se desvela ao sujeito que interroga (Martins et al., 1990, p. 36).

Neste sentido, o fenômeno é o objeto da investigação fenomenológica e o instrumento para alcançar o conhecimento é a intuição. Esta intuição tem o propósito de voltar para aquilo que foi esquecido, isto é,

Queremos retornar às "próprias coisas". Com base em intuições plenamente desenvolvidas, queremos trazer, para nós, à evidência que isto, que aqui está dado numa abstração atualmente consumada, é verdadeira e efetivamente aquilo que as significações das palavras querem dizer na expressão das leis (Husserl, 2012, p. 5).

Segundo Asti Vera (1983), a intuição está relacionada à visão intelectualizada do objeto de conhecimento que é o fenômeno que se mostra. Esta intuição só é possível devido à intencionalidade da consciência. Em relação à intuição Dartigues (1992) afirma:

[...] de fato, o discurso filosófico deve sempre permanecer em contato com a intuição se não quiser se dissolver em especulações vazias. Esse retorno incessante à intuição originária, “fonte de direito para o conhecimento”, Husserl o chama de o princípio dos princípios. “Significações que não fossem vivificadas senão por intuições longínquas e imprecisas, inautênticas, se é que isso acontece através de intuições quaisquer, não poderiam nos satisfazer. Nós queremos voltar às coisas mesmas” (Dartigues, 1992, p. 14).

Levinas (2004) vê na intuição o momento constitutivo da fenomenologia husserliana, esta intuição, nasce da concepção do ser, como afirma o autor:

Ao propor estudar aqui a intuição na fenomenologia de Husserl, não se pode, conseqüentemente, separar a exposição à teoria da intuição como método filosófico, daquilo que se poderia chamar *ontologia* de Husserl. Pelo contrário, se busca mostrar que a intuição que o nosso autor propõe como modo de filosofar, se desprende da sua concepção mesma do ser (Levinas, 2004b, p. 22).

A intuição enquanto modo de filosofar, ainda tem a ver com a orientação da consciência para um objeto, sendo uma peculiaridade íntima da vivência do ser, como afirma Triviños (2002):

[...] é a tendência para algo que, no caso de Husserl (...) é a característica que apresenta a consciência de estar orientada para um objeto. Isso é, não é possível nenhum tipo de conhecimento se o entendimento não se sente atraído por algo, concretamente um objeto. Para Husserl, a intencionalidade é algo puramente descritivo, uma peculiaridade íntima de algumas vivências. Dessa maneira a intencionalidade característica da vivência determinava que a vivência era consciência de algo (Triviños, 2002, p. 45).

Como podemos perceber, outro termo central da teoria husserliana é a intencionalidade que enquanto propriedade fundamental da vida psíquica, designa uma peculiaridade que pertence ao ser enquanto homem e à sua realidade psíquica, sendo a propriedade fundamental da consciência (Husserl, 1992).

A intencionalidade da consciência do ser humano “[...] é um dos princípios básicos da Fenomenologia. A consciência é sempre “consciência de alguma coisa”, estando direcionada para um determinado objeto em análise. Por sua vez, o objeto também é sempre “objeto-para-um-sujeito” [...]” (DARTIGUES, 1992, p. 18). A intencionalidade ainda pode ser compreendida como “de natureza lógico-transcendental, significando

uma possibilidade que define o modo de ser da consciência como um transcender, como o dirigir-se à outra coisa que não é o próprio ato de consciência” (HUSSERL, 2002, p. 21).

Segundo Moreira (2002, p. 85), “[...] a consciência não é coisa, mas aquilo que dá sentido às coisas. O sentido não se constata à maneira de uma coisa, mas se interpreta. É a consciência intencional que faz o mundo aparecer como fenômeno, como significação [...]”. A nossa consciência está direcionada a objetos:

[...] cada ato de consciência, cada experiência é correlata com um objeto. Cada intenção tem seu objeto intencionado [...] em fenomenologia, intenção significa a relação de consciência que nós temos com um objeto [...] há tipos diferentes de intencionalidades, correlacionados com tipos diferentes de objetos (Sokolowski, 2014, p. 17.21).

A fenomenologia parte do pressuposto que não há o objeto em si, como defendem os empiristas, mas sim a consciência que o indivíduo tem do objeto, então o objeto existe para o indivíduo que atribui a ele diferentes significados, dependendo de sua intencionalidade.

3. Fenomenologia enquanto método científico

Masini (1989) afirma que não há exatamente um método fenomenológico, mas sim uma atitude do indivíduo diante dos fenômenos a serem analisados. Essa atitude é entendida como a “[...] abertura do ser humano para compreender o que se mostra (abertura no sentido de estar livre para perceber o que se mostra e não preso a conceitos ou predefinições)” (Masini, 1989, p. 62).

É importante destacar que apesar de ser necessário compreender os conceitos fenomenológicos, a fenomenologia se relaciona muito mais a uma maneira de ver e de viver do que apenas a um método.

Acreditamos que compreender fenomenologia apenas explicitando seus conceitos básicos sem se dispor a mudar a forma de olhar o mundo, sem de fato praticá-la, seja tão difícil quanto conhecer o sabor de um bolo a partir das informações contidas na receita, a respeito dos seus ingredientes e da forma de misturá-los. Definir *epoché*, explicitar os passos da redução fenomenológica, os conceitos de intencionalidade, intuição e evidência, tudo isso pode ser apenas falar sobre o método. É obviamente muito importante entender todos esses conceitos, mas de pouco adianta saber tudo isso, e não compreender de fato o que significa viver fenomenologicamente. De nenhuma forma isso significa que o método não seja importante, mas ao contrário: isso significa que ele é importante demais para nos contentarmos em descrevê-lo em vez de praticá-lo (Struchiner, 2007, p. 242).

A Fenomenologia, enquanto método de pesquisa, conforme explicita Martins e Bicudo (2006) é:

[...] uma forma radical de pensar. Assim sendo, por sempre estar contextualizada, ela parte, necessariamente, de caminhos conhecidos de efetuarem-se as práticas sociais e de realizarem-se as ações, desafiando pressupostos aceitos e buscando estabelecer uma nova perspectiva para compreender o fenômeno (Martins; Bicudo, 2006, p. 18).

Consoante Bello (2006), o método para compreendermos um fenômeno é formado por duas etapas que são a busca do sentido dos fenômenos e como é o sujeito que busca o sentido. A autora ressalta que a primeira tem a ver com a questão “Posso compreender o sentido das coisas? (Bello, 2006, p. 22).

Este sentido está ligado a essência das coisas ou a ideia que temos das coisas, ou seja, aquilo que se intui, neste sentido a fenomenologia se interessa não pelo fato enquanto fato, mas pelo sentido dele, o que compreende a filosofia como a busca do sentido e não dos aspectos do objeto em si e “a intuição do sentido é o primeiro passo do caminho e revela ser possível captar o sentido” (Bello, 2006, p.25).

A segunda etapa que é como o sujeito busca o sentido dessas questões “Por que o ser humano procura sentido? e também, Quem é este ser humano? Como é feito este ser humano que busca sentido?” (Bello, 2006, p. 26), ou seja, na segunda etapa o foco é a análise do ser humano, isto é, do sujeito, o que corresponde à reflexão sobre o sujeito. Nesta análise devem ser consideradas a experiência perceptiva e/ou o ato perceptivo, que tem a ver com aquilo que já está interiorizado dentro de nós sobre determinada coisa, sobre a existência dela.

A percepção é um ato que vivenciamos, mas nem todo ato vivenciado é de caráter psicológico, por isso a análise deve ser refinada e atenta. Vivência tem a ver com ter consciência do ato, “[...] ver e tocar são vivências, e se são vivências, quer dizer que são registradas por nós e delas temos consciência. Ter consciência dos atos que são por nós registrados são vivências” (Bello, 2006, p. 32).

A partir dessa tomada de consciência é possível refletir sobre essa consciência que pode ser dividida em dois níveis, o nível I dos atos perceptivos e o nível II dos atos reflexivos, o nível II é essencialmente humano, pois tem a ver com a capacidade humana de se dar conta daquilo que faz, o que em síntese nos difere dos demais animais, a consciência assim é a dimensão com a qual nossos atos são registrados.

Bello (2006), ainda explana que as coisas físicas são conhecidas a partir da corporeidade, isto é, das sensações corpóreas que registramos e é pelo tato que percebemos as delimitações da própria corporeidade pelas vivências relativas às sensações corpóreas, além disso, há ainda o que os fenomenólogos chamam de esfera do espírito, que não é nem de ordem psíquica e nem de ordem corpórea, e está ligada ao ato do controle. Tal esfera tem a ver com “[...] atos da compreensão, da decisão, da reflexão, do pensar” (Bello, 2006, p. 39). Neste aspecto, Morujão (2002) afirma que:

No sentido fenomenologicamente mais primitivo, revelou-se o mundo como mundo de coisas, fundamento de todos os outros; mundo perceptivo, englobante de todos os objetos possíveis da nossa experiência, terreno universal de cada uma das nossas experiências singulares. O retorno a este mundo é o retorno ao mundo da vida (Lebenswelt), ao mundo em que continuamente vivemos e que oferece o terreno para toda a atividade cognoscitiva e toda determinação científica, representando uma esfera infinita de ser válido. O Lebenswelt será o âmbito dos fenômenos puramente subjetivos, embora, não de puras faticidades de fluxos psicofísicos de dados sensuais, mas sim de fluxos espirituais que, nessa qualidade, necessariamente, exercem a função de constituírem estruturas significativas. Simplesmente, nenhuma filosofia, até hoje, elegeu como tema a esfera do subjetivo e, deste modo, realmente a descobriu; se a meditação filosófica, contudo, quiser realizar o seu sentido de fundamentação originária (Ursprung) como ciência universal e ordenada a fundamentos últimos, necessariamente virá tirar essa esfera do anonimato (Morujão, 2002, p.331-332).

Diante disto, podemos considerar que para a fenomenologia o ser humano é corpo-espírito como dimensão e para entender como ele se apresenta, é necessário compreender sua estrutura geral e ter a consciência que tocar, ter impulsos, refletir e decidir não são os mesmos tipos de vivência e é isso que indica a estrutura constitutiva do sujeito, o que em síntese caracteriza uma das principais preocupações da fenomenologia como método, que “[...] é evidenciar as estruturas em que a experiência ocorre, é deixar transparecer na descrição das experiências as suas estruturas universais” (Silva, 2017, p. 97).

Segundo Martins (1992), a pesquisa fenomenológica, objetiva os significados que os seres humanos atribuem às suas experiências vividas, esses significados se revelam a partir de descrições elaboradas por esses sujeitos. Essa descrição, feita por esses sujeitos, é o caminho para a compreensão dos fenômenos, tendo na linguagem, ou seja, o discurso, uma das formas de abertura para essa compreensão, isto é, é na subjetividade que se alcança a objetividade. Essa ideia de consciência subjetiva

[...] pode ser ilustrada através da percepção. Uma percepção consciente abrange a consciência dos entes que estão no mundo, ou seja, do que é visto, ouvido ou sentido por um sujeito, assim como a consciência que se tem de estar ouvindo ou sentindo. Pode se distinguir na percepção consciente como seu aspecto tanto um estado de alerta para o mundo como um estado de alerta para a iluminação ou esclarecimento do mundo (Martins, 1992, p. 64).

Como podemos observar o método fenomenológico é essencialmente descritivo e interpretativo. Sua finalidade é a descrição e interpretação de um fenômeno em si, de como ele se mostra a partir da intuição e intencionalidade do sujeito para quem ele se mostra, o fenômeno jamais é reduzido a algo que não faça parte dele.

4. A Fenomenologia de Merleau-Ponty

A fenomenologia existencial de Merleau-Ponty possui ampla influência da fenomenologia transcendental de E. Husserl. Chauí (1984) discorre da seguinte maneira sobre o projeto de Merleau-Ponty em relação a Husserl

Suas primeiras obras estavam nitidamente vinculadas à fenomenologia husserliana, embora procurasse a cada passo minimizar o papel constituinte da consciência e outorgar à relação corpo-sensível/ mundo-sensível o poder doador dos significados que Husserl atribuíra ao Sujeito Transcendental. A partir de *Signos*, Merleau-Ponty encaminha-se para a ontologia como região pré-reflexiva, selvagem e bruta, de onde emergem as categorias reflexivas. A filosofia – reflexão – deve voltar às origens da própria reflexão e descobrir o seu solo anterior à atividade reflexiva e responsável por ela. Essa região é o “*lógos do mundo estético*”, isto é, do mundo sensível, unidade indivisa do corpo e das coisas, unidade que desconhece a ruptura reflexiva entre sujeito e objeto (Chauí, 1984, p. 8).

Porém não se trata de uma simples adoção de ideias, ele “[...] as tomou como inspiração e método de pesquisa, imprimindo, à sua filosofia, uma feição própria, fazendo-a trilhar por caminhos renovados, mesmo seguindo ideias originárias da fenomenologia husserliana” (Filho, 2014, p. 80). Neste contexto, o autor ainda afirma que:

A fenomenologia transcendental de Edmund Husserl foi sendo construída, fundamentalmente, a partir da ideia moderna de consciência. O modelo teórico e a ideia de racionalidade presentes nas reflexões fenomenológicas remetem a uma teoria da consciência, embora apresentando uma abordagem renovada. Merleau-Ponty não foi um filósofo desatento à herança idealista moderna presente na tradição fenomenológica. Ele não adotou simplesmente as ideias do fundador da fenomenologia, mas decidiu, de forma crítica, seguir o mestre muito mais na sua “intenção” (Filho, 2014, p. 85).

Para entender Merleau-Ponty é necessário compreender que sua definição de fenomenologia apesar de também ser direcionada ao conhecimento de essências, essas essências são repostas na existência, o que se refere a um relato do espaço, do tempo e do mundo vivido (Merleau-Ponty, 1999). O que se trata de uma outra maneira de articulação das ideias fenomenológicas, pois depende de uma relação com a existência concreta. Nisto,

[...] a palavra de ordem da fenomenologia husserliana, “retornar às coisas mesmas”, adquire um sentido concreto de retorno ao mundo anterior ao conhecimento; a um ponto que, diferentemente de Husserl, não é completamente transparente à consciência. Para Merleau-Ponty, a relação da consciência com o mundo já pressupõe algo que é percebido, porque, para ele, trata-se de empreender uma descrição direta da experiência do sujeito tal como ela acontece (Filho, 2014, p.86).

Partindo de sua interpretação, Merleau-Ponty assume a fenomenologia como forma investigativa, aprofunda suas ideias centrais, ao ir além da análise descritiva estruturais do *ego* puro, enfatizou “[...] a encarnação do sujeito num mundo que precede toda reflexão” (Filho, 2014, p.86). Sua fenomenologia tem por objetivo primordial reconhecer as origens perceptuais na da concepção do mundo dos sujeitos. Isso se refere à compreensão das experiências perceptuais, pré-reflexivas, as quais precedem para posteriormente se tornarem uma compreensão do mundo (objeto), mundo este que para Merleau-Ponty:

[...] não é algo em que meramente pensamos, mas o lugar no qual vivemos nossas vidas, o mundo em que atuamos, sobre o qual temos sentimentos e esperanças, além de ser o mundo que tentamos conhecer. [...] O que busca não é elevar-se acima de nosso envolvimento prático e emocional com o mundo de modo a fornecer uma explicação ou justificação de por que ele é como é, mas descrever nossa existência no mundo, nossos vários modos de ser-no-mundo, o que precede nossa reflexão e teorização conscientes (Matthews, 2010, p. 31- 32).

Apesar de sua influência husserliana, Merleau-Ponty (1999), considerou um fator determinante nas experiências, que as mesmas, não se davam apenas no âmbito mental, mas também na dimensão corporal. Defendendo que mente e corpo não são entidades distintas, formam um único esquema de ser e de se incorporar à realidade, por tanto, a percepção e pensamento se estruturam de maneira simbiótica, pois o corpo é indissociável da consciência e vice-versa. Opondo-se completamente a dicotomia: mente e matéria, de origem cartesiana. Isso quer dizer que para ele o homem é:

[...] seu corpo, corpo próprio; que subjetividade e corporeidade não se apresentam como problemas distintos. O sujeito é corporal, e ser corpo é estar atado a determinado mundo. Portanto, para Merleau-Ponty, trata-se de evidenciar o pertencimento da vida humana ao próprio mundo, pois o homem encontra-se lançado no mundo enquanto realidade natural e humana (FILHO, 2014, p. 80).

Em relação ao corpo Merleau-Ponty (1999) ainda afirma que ele é o instrumento geral da compreensão dos sujeitos:

Com a noção de esquema corporal, não é apenas a unidade do corpo que é descrita de uma maneira nova, é também, através dela, a unidade de sentidos e a unidade do objeto. Meu corpo é o lugar, ou antes a atualidade mesmo do fenômeno de expressão (Ausdruck), nele a experiência visual e a experiência auditiva, por exemplo, são pregnantes uma da outra, e seu valor expressivo funda a unidade antepredicativa do mundo percebido, e, por ela, a expressão verbal (Darstellung) e a significação intelectual (Bedeutung). Meu corpo é a textura comum de todos os objetos e ele é, ao menos em vista do mundo percebido, o instrumento geral de minha “compreensão” (Merleau-Ponty, 1999, p. 315).

Assim podemos compreender que para Merleau-Ponty há ao menos três noções que não se dissociam que é a maneira de estar em posse de um mundo, a corporeidade e a consciência. Estas dimensões estão estreitamente entrelaçadas, ligadas, conectadas nas experiências vivenciadas do ser-no-mundo.

Quanto ao entendimento de intencionalidade, conceito fundamental da fenomenologia, ao mesmo tempo, Merleau-Ponty deixa transparecer uma concordância e distanciamento da teoria husserliana, já que para ele a intencionalidade designa muito mais uma relação dialética de onde surge o sentido, pois “[...] estamos no mundo, estamos condenados ao sentido e não podemos nada fazer, nem nada dizer que não assuma um nome na história” (Merleau-Ponty, 1999, p. 18) e este sentido é compreendido na dialética da relação dos sujeitos com o mundo e com os outros.

Assim percebemos ao mesmo tempo uma dependência e uma superação da noção husserliana de intencionalidade, pois o filósofo “[...] almejou uma noção de “intencionalidade” plasmada muito mais num “eu posso” (atividade dialética do sujeito no mundo, meio de se voltar para as coisas mesmas, em seu sentido original) do que num “eu penso” (Filho, 2014, p. 89).

Ao trazer a corporeidade, antes posta no esquecimento pela filosofia clássica, Merleau-Ponty a reabilita não apenas antropologicamente, mas como instância que

legítima todo conhecimento (Carmo, 2000). A partir da correlação homem-mundo uma filosofia da existência, como a de Merleau-Ponty:

[...] deve tomar a concretude do mundo como “habitat próprio”, pois só assim poderá refletir, adequada e renovadamente, a correlação homem-mundo, em prol de uma subjetividade imbricada na existência corpórea. A purificação da noção de subjetividade exigiu, com isso, um sujeito situado em meio às coisas e com os outros. Mas o pensamento moderno, prisioneiro da perspectiva subjetivista, transformara o mundo em objeto do conhecimento, em realidade representada e determinada intelectualmente por uma consciência que a tudo compreende (Filho, 2014, p. 97).

A fim de superar o dualismo do ser-objeto e do ser-sujeito foi necessário abandonar o paradigma de consciência conhecedora constituindo uma fenomenologia do mundo e do modo de se situar no mundo. Neste sentido, Merleau-Ponty (1999) buscou ultrapassar, à imitação de Husserl, a partir de uma orientação fenomenológica-existencial:

[...] pensa-se sempre ‘alguma coisa’ e o que se descobre e se reconhece pelo ‘cogito’ não é a imanência psicológica, a imanência de todos os fenômenos a ‘estados de consciência privados’, do contato cego da sensação consigo mesma [...], é o movimento profundo de transcendência que é o próprio ser, o contato simultâneo com meu ser e com o ser do mundo (Merleau-Ponty, 1999, p. 593- 594).

Sua filosofia ganhou destaque no movimento contemporâneo de desconstrução da tradição racionalista, pois

Para ele, não cabe à filosofia instituir o ponto de partida da compreensão do homem e do mundo, já que as questões que o homem se põe são interiores à sua existência, a seu espírito, seu corpo e à sua história. Porque o homem está no mundo e é no mundo que se reconhece. É preciso, então, considerar os modos do homem ser no mundo, imbricados existencialmente nesse mesmo mundo. Portanto, o pensamento que investiga não pode desligar-se do solo originário da experiência sob pena de ser puro intelectualismo vazio (Filho, 2014, p.100-101).

Enfim, as reflexões filosóficas de Merleau-Ponty tinham como um de seus pressupostos mais importantes voltar ao homem concreto, inscrito no mundo a partir de seu corpo, de sua corporeidade, visto que o homem só se reconhece no mundo pelo fato de estar nele e é isto que tem que ser primeiro considerado.

5. Considerações finais

Diante do exposto podemos considerar que a Fenomenologia é um método que prevê uma atitude. É necessário “ver” e refletir o mundo de uma forma fenomenológica, como um esforço para retornar à essência das coisas, ou seja, “retornar às coisas mesmas”.

Isso implica uma nova maneira de pensar e perceber, pois nesta filosofia, percepção e consciência são inseparáveis, assim como mente e corpo, portanto, a Fenomenologia se dá na prática vivencial, no cotidiano, na maneira de se viver e ser-no-mundo.

É ainda o que nos propõe Merleau-Ponty, um dos mais influentes e importantes filósofos fenomenológicos, que dedicou sua vida a refletir sobre o homem concreto, inscrito no mundo a partir de seu corpo, de sua corporeidade, reconhecendo-se no mundo por fazer parte dele, ou seja, pela sua existência, para então poder refletir sobre a essência das coisas para volta-las às elas mesmas. E para tanto, não é necessário apenas um método, não que ele não seja importante, contudo, é necessário viver fenomenologicamente.

Referências

- ASTI VERA, A. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Porto Alegre, RS: Globo, 1983.
- BELLO, A. A. **Introdução à fenomenologia**. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- CHAUÍ, M. **Vida e Obra**. In: Merleau-Ponty – Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).
- DARTIGUES, A. **O que é Fenomenologia?** Tradução de Maria José J.G. de Almeida. São Paulo, SP: Moraes, 1992.
- FILHO, J. L. F. Acerca da fenomenologia existencial de Maurice Merleau-Ponty. In: LIMA, ABM., org. **Ensaios sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2014. p. 77-102.
- HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Introd. e Trad. Urbano Zilles. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- HUSSERL, E. **Conferências de Paris**. Trad. Artur Morão e António Fidalgo. LusoSofia: Press, 1992.
- HUSSERL, E. **Investigações Lógicas fenomenologia e a teoria do conhecimento** (Pedro Alves, & Carlos Morujão, Trads.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3ª edição revisada e ampliada. Rio De Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996.
- LEVINAS, E. **La teoría fenomenológica de la intuición** (Tania Cecchi, Ed. & Trad.) Salamanca: Sígueme, 2004.
- LIMA, A. B. M. (organizador). **Ensaios sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty** – Ilhéus, BA: Editus, 2014.

MARTINS, J. et al. A Fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. In: **Cadernos da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos**, v. 1, n. 1, São Paulo, SP: A Sociedade, 1990. p. 33-48.

MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo**: Educação como poésis. São Paulo, SP: Cortez, 1992.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **Estudos sobre existencialismo, Fenomenologia e Educação**. São Paulo: Centauro, 2006.

MASINI, E. F. S. O enfoque fenomenológico de pesquisa em Educação. In: **FAZENDA, I.** Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo, SP: Cortez, 1989. p. 61-67.

MATTHEWS, E. **Compreender Merleau-Ponty**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MERLEAU-PONTY, M. **Ciências do homem e Fenomenologia**. São Paulo, SP: Saraiva, 1973.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORUJÃO, A. F. **Estudos Filosóficos**. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2002 (Coleção: Estudos Gerais – Série Universitária).

SANTOS, S. L. Originalidade e precariedade do método fenomenológico husserliano. In: LIMA, ABM., org. **Ensaio sobre fenomenologia**: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2014. p. 15-50.

SILVA, C.C. A fenomenologia e a formação humana na perspectiva de Edmund Husserl. Revista **Desafios** – v. 04, n. 02, 2017, p. 96-111.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à fenomenologia**. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

STRUCHINER, C. D. Fenomenologia: de volta ao mundo-da-vida. Revista **Abordagem Gestalt**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 241-246, dez. 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.